



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

EVINY LARISSA OLIVEIRA DA SILVA

**TRANSIÇÃO E ADAPTAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR: uma abordagem dos desafios
e motivações de estudantes deslocados do campus universitário de Bragança da
Universidade Federal do Pará.**

BRAGANÇA (PA)

2023

EVINY LARISSA OLIVEIRA DA SILVA

**TRANSIÇÃO E ADAPTAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR: uma abordagem dos desafios
e motivações de estudantes deslocados do campus universitário de Bragança da
Universidade Federal do Pará.**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, campus universitário de Bragança (PA) para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Ribeiro de Castro.

BRAGANÇA (PA)

2023

FICHA DE AVALIAÇÃO

EVINY LARISSA OLIVEIRA DA SILVA

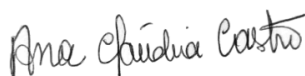
Trabalho de Conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, campus universitário de Bragança (PA) para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Ribeiro de Castro.

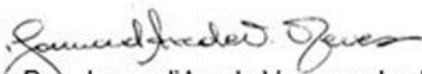
TRANSIÇÃO E ADAPTAÇÃO AO ENSINO SUPERIOR: uma abordagem dos desafios e motivações de estudantes deslocados do campus universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará.

Aprovado em: ___19___/___12___/___2023___

Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Ribeiro de Castro
Orientadora – Universidade Federal do Pará



Prof.ª Dr.ª Joana d'Arc de Vasconcelos Neves

Prof.^a Dr.^a Joana d'Arc de Vasconcelos Neves
Avaliadora - Universidade Federal do Pará



Prof. Me. Antonio Matheus do Rosário Correia
Avaliador - Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por todas as bênçãos, a Virgem Maria e ao Glorioso São Benedito pelas suas intercessões. Gratidão, Senhor!

Foi uma trajetória árdua, muitos momentos de altos e baixos. Mas, mantive-me forte! Por isso, quero agradecer a mim mesma! Por não desistir mesmo nos momentos de desânimo e cansaço. Compreendo que tudo deu certo e, principalmente, que valeu a pena.

Agradeço a minha família, pelo incentivo e apoio, em especial a minha mãe Cristina por toda dedicação e amor incondicional, a minha avó Maria de Fátima que sempre cuidou de mim e por todo apoio, a minha madrinha Rosana por todo incentivo. Meu agradecimento ao meu afilhado, José que me “salvou” em tantos momentos e nem ao menos sabe disso. Obrigada, Vô, tias (os), primas (os) pela preciosa contribuição para a minha formação.

Agradeço a Universidade Federal do Pará e ao Campus universitário de Bragança pelos 5 anos de muitos ensinamentos, aprendizagens e conhecimentos adquiridos que permaneceram comigo ao longo da minha vida profissional e pessoal.

Agradeço a minha orientadora, professora Dr.^a Ana Cláudia Ribeiro de Castro, no qual tenho muito respeito e admiração. Obrigada pela disponibilidade, apoio e dedicação.

Agradeço aos meus colegas de turma da Pedagogia 2019, especialmente, aos meus amigos, Artur Wirley e Paula Vitória por toda parceira, cumplicidade, ajuda e amizade ao longo do curso, o nosso trio permaneceu desde o primeiro até ao último semestre. Vocês foram essenciais.

E por fim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação.

EPÍGRAFE

Você nunca sabe a força que tem. Até que a sua única alternativa é ser forte.
Johnny Depp

RESUMO

O presente estudo aborda acerca da transição e adaptação de estudantes deslocados, buscando conhecer e compreender os desafios e motivações de estudantes que se deslocam de seu lugar de origem para ingressar no ensino superior. O estudo realizou-se com estudantes do campus universitário de Bragança (CBRAG), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Nesse sentido, possibilitando compreender que a transição e adaptação ao ensino superior é marcada por muitos desafios, sejam econômicos, sociais, familiares ou emocionais; bem como, conhecer quais as motivações para continuar a estudar. Além disso, o presente trabalho possibilita que as Instituições de Ensino Superior tenham uma nova percepção e melhor entendimento a respeito dos desafios enfrentados por seus estudantes universitário.

Palavras-chaves: transição e adaptação; Ensino Superior; desafios; motivações.

INTRODUÇÃO

Segundo a autora Castro (2021) no Brasil das últimas décadas há uma expansão no atendimento aos estudantes no Ensino Superior - ES, de forma bastante acentuada, mesmo que este crescimento ainda não seja suficiente para reverter algumas taxas bastante desfavoráveis, especialmente quando comparadas com outros países. No entanto, não se pode ignorar que o crescimento no acesso vem se dando constantemente e, nos últimos anos, após décadas de estagnação, sugere a absorção, ainda que muito parcial, de uma parte da população que historicamente permaneceu alijada desse direito (Castro, 2021).

No entanto, alguns estudos realizados no Brasil, Portugal e Estados Unidos coloca que essa transição para o ensino superior pode ser perspectivada como potenciadora de crises e vulnerabilidades, bem como fonte de desafios desenvolvimentais. Estes estudos consideram várias dimensões de análise que influenciam a adaptação, o percurso e o desempenho escolar dos alunos: aspectos socioeconômicos, relações sociais, fatores psicológicos, dimensão pedagógico-didática e aspectos relacionados com a organização curricular. Acrescem ainda as condições relativas à Instituição Universitária, das quais se salientam, as seguintes: prestação de serviços, condições físicas, funcionamento dos órgãos institucionais e aspectos organizacionais.

Neste ponto, é consenso que o ingresso na universidade promove significativas mudanças na vida dos indivíduos. O estudante enfrenta uma série de desafios pessoais,

interpessoais, familiares e institucionais (Almeida, 2019; Castro, 2021). Entre tantas situações típicas nesse processo de mudanças, para alguns a saída da casa dos pais, a alteração nas redes de amizade, exigências sociais de maior autonomia, dificuldades em lidar com a ausência de afeto, é uma realidade a mais. Alguns autores (Almeida; Araújo; Martins, 2016; Almeida *et al.*, 2015 *apud* Dias *et al.*, 2019; Bernardo de Cara; Amaral, 2019 *apud* Castro, 2021; Hage, 2018; Vizzigoto; Jesus; Martins, 2017) colocam que estes estudantes acabam necessitando de maiores aprovações dos pares, apresentam maior autoexigência com o bom desempenho acadêmico, enfrentam problemas financeiros entre outras demandas impostas pelo ES que podem se constituir em importantes estressores para os universitários deslocados.

Deste modo, este estudo visa contribuir para a compreensão dos fenômenos de transição e adaptação ao ensino superior, e mais concretamente, para a compreensão dos possíveis mecanismos desafiadores da adaptação dos jovens estudantes ao novo contexto educativo do ensino superior. Nessa consideração, o presente estudo aborda a temática Transição e Adaptação ao Ensino Superior, detendo nos desafios e motivações de estudantes que se deslocam de seu lugar de origem e da convivência familiar para iniciar a vida acadêmica.

O estudo realizado com estudantes do campus universitário de Bragança (CBRAG), da Universidade Federal do Pará (UFPA), apresenta-se na possibilidade de melhor compreender os aspectos relacionados ao processo dessa transição e adaptação à vida acadêmica à medida que passam a ter uma nova configuração de vida em meio aos novos desafios, em especial, a necessidade de sair de seu local de origem e vivem longe de seus familiares e círculo de amizades. Outrossim, é uma possibilidade de trazer à Instituição Universitária uma nova percepção e melhor compreensão acerca dos desafios enfrentados por esses estudantes universitários. Para Almeida (2016; 2017; 2019; 2020; 2021) conhecer esta realidade possibilita aos gestores ter elementos que identifiquem a situação em que estes jovens estão inseridos e os problemas enfrentados por eles e a partir disso, organizarem formas de suporte social e institucional no desenvolvimento da vida acadêmica. Nesse sentido, baseado no que foi exposto, desenvolveu-se o seguinte problema de pesquisa: quais as dificuldades e as motivações que estão presentes no processo de transição e adaptação dos estudantes deslocados¹ que ingressam no ES?

¹ O conceito de deslocados é um termo utilizado em estudos para estudantes que vem de outras cidades. São estudos realizados na Europa, Estados Unidos e, no Brasil, em algumas Universidades das Regiões Sul e Sudeste. O termo utiliza-se nesse trabalho em função dessa conceituação utilizada em estudos europeus.

OBJETIVOS

Geral: Investigar os desafios e motivações no processo de transição e adaptação ao Ensino Superior de estudantes que se deslocam de seu lugar de origem para ingressar na vida acadêmica.

Específicos: (a) identificar os desafios enfrentados pelos estudantes universitários do ES; (b) analisar como os estudantes tem enfrentado as dificuldades durante esse processo; (c) conhecer quais são as motivações dos estudantes.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Nessa seção será abordado acerca do processo de transição e adaptação ao Ensino Superior, assim como questões relacionadas a saúde mental e gênero durante esse processo; além de dados a respeito de estudantes universitários que se deslocam da sua cidade de origem para ingressar no ES, bem como aborda fatores relacionados à dimensão pessoal e institucional durante o ingresso.

2.1 O processo de Transição e Adaptação ao ES

Uma vez que compreendemos a transição como acontecimento que resulta na mudança, seja em relacionamentos, rotinas, papéis e pressupostos, entende-se que esse processo requer um produto ou fim que é a adaptação e o desenvolvimento de competências para lidar com sucesso, com os desafios e o novo. À luz da psicologia, o conceito de adaptação, inicialmente, foi tomado da biologia como chave para explicar a prática humana, referindo a relação entre o organismo e os meios biológicos, mas, principalmente, a uma relação entre indivíduo e meio social (Castro, 2021). Constituindo-se, então, numa psicologia do comportamento humano como uma ciência que descrevia as leis do comportamento e que, por esta via, servia como um instrumento para promover a adaptação do indivíduo ao meio social. Por sua vez, uma vez conhecendo as leis de produção de um comportamento, seria possível alterá-lo (Carretero; León, 2008; Dessen; Guedea, 2005; Moraes, 2003; Skinner, 1980; Todorov; Hanna, 2010 *apud* Castro, 2021).

No contexto de ingresso no mundo universitário, podemos entender que o estudante, diante de um problema concreto relativo à vivência acadêmica, não consideraria somente os dados reais do presente, mas também visa prever todas as situações e relações causais possíveis entre eles. Uma vez analisadas de maneira lógica, procuraria contrastar com a realidade por

meio da experimentação e, dado que tendo a capacidade de combinar todos os elementos do problema de todas as maneiras possíveis, determinaria as possíveis relações causais e conseqüentemente as formas de enfrentamento. De acordo com Castro (2021) e Almeida (2020), de forma global, a adaptação diz respeito à funcionalidade do indivíduo e à sua capacidade de ajustamento aos diferentes desafios e circunstâncias de vida. Esse ajustamento relaciona-se aos conceitos de saúde mental e bem-estar pautados em experiências de mobilização de recursos psicológicos e sociais como, resolução de problemas, regulação emocional e suporte social que permitem ao indivíduo fazer face às mudanças ou situações de vida.

Entretanto, para Fiero (2008), os indivíduos apresentam diferentes formas de se adaptar às mudanças do meio. Uma pessoa pode reagir distintamente aos diferentes tipos de mudanças ou, ainda, reagir de forma diferente ao mesmo tipo de mudança em vários períodos da sua vida. Ou seja, a maneira como os sujeitos se adaptam depende do modo como eles percebem o seu equilíbrio tomando os seus recursos face às exigências da transição, o seu sentido de competência, de bem-estar e de saúde (Ressurreição; Sampaio, 2009). Em continuidade, Rebelo Vaz (2010 *apud* Castro, 2021) refere que na busca pela adaptação, certas situações são experienciadas com sentimentos positivos e de prazer e, em contrapartida, outras encontram-se associadas a sentimentos negativos. De qualquer forma, todas produzem algum tipo de *stress*. Algumas advêm de uma decisão consciente do próprio sujeito, enquanto outras surgem mediante outras pessoas ou circunstâncias, sendo que os sujeitos se adaptam melhor se as mudanças forem originadas por uma escolha ou decisão de ele próprio.

No entanto, (Gleitman; Reisberg; Fridlund, 2014 *apud* Castro, 2021) já colocavam que um comportamento que se revele adaptativo numa determinada situação e momento pode não se revelar adaptativo num outro. Logo, a adaptação resulta de uma constante reavaliação e regulação da satisfação das necessidades psicológicas em prol do ajustamento não só às mudanças internas, isto é, psicológicas do indivíduo, mas também às mudanças externas e do meio. Por conseguinte, é também a capacidade de mudar internamente mediante às mudanças externas que caracteriza a funcionalidade ou disfuncionalidade, ou seja, como o indivíduo tolera as experiências de sofrimento psicológico. São essas condições que, no fim de tudo, determinam o seu sucesso na sua trajetória universitária, sendo que estamos face a um processo dinâmico e marcado por tensões em que o estudante avalia e mobiliza os seus próprios recursos pessoais e sociais para enfrentar as exigências e dificuldades inerentes a qualquer transição e a adaptação a um novo contexto.

Neste sentido, a necessidade de adaptação ao ES exige do estudante a emissão de vários comportamentos adaptativos que se constituem na forma como irá lidar com o *stress* mediante as suas estratégias, adequadas ou não, de enfrentamento das exigências da vida acadêmica (Castro, 2021; Oliveira, Santos; Dias, 2016; Ramos *et al.*, 2015). Outrossim, a maioria das investigações de transição e adaptação ao ES, têm sido no sentido de predizer que fenômenos ocorrem para o sucesso e o insucesso acadêmico, em particular identificar os comportamentos mais adaptativos ou aqueles que garantem, sobremaneira, as chances de sucesso (Araújo; Almeida, 2019).

Para Araújo e Almeida (2019), as questões a respeito do ingresso e adaptação do estudante ao ES estão relativamente bem identificadas, dadas as investigações realizadas a nível internacional, na atualidade. Para os autores, as diferentes pesquisas na área, apontam dois grandes grupos de variáveis cuja influência se afigura relevante para uma adaptação bem-sucedida, designadamente, o grupo das variáveis individuais, reportadas a recursos pessoais do estudante para se ajustar aos novos desafios, e o das variáveis contextuais, relacionadas com a organização e o funcionamento da instituição de ensino.

Uma vez que os estudos têm relacionado a transição para o ES sendo marcada por diversas mudanças, por ser um novo âmbito educacional no qual o estudante está inserido, vivendo uma nova rotina, participação em atividades, responsabilidade, desempenho e autonomia são exigidos e, para além disso, questões relacionadas ao gerenciamento inadequado do tempo, carga horária excessiva dos cursos, a realização de provas e as dificuldades enfrentadas em apresentar trabalhos em sala de aula também podem ser encarados como um problema (García-Ros *et al.*, 2012 *apud* Dias *et al.*, 2019). Dessa forma, tais fatores dificultam o processo de transição dos estudantes. Segundo Teixeira *et al.* (2008):

{...} a universidade é um ambiente distinto do escolar, nela a monitoração e o interesse pelo estudante são notadamente diminuídos. Isto faz com que o envolvimento do estudante com a sua formação dependa muito mais dele do que do ambiente universitário. A responsabilidade pelo aprendizado, antes centrada na escola, é agora deslocada para o jovem.

Dessa maneira, o universitário inserido nesse novo âmbito encontra diversas adversidades a respeito desse momento de transição; as suas responsabilidades, interesse e envolvimento com a aprendizagem diferem em comparação no período da educação básica.

Além disso, o processo de transição para o ES por muitas vezes é vivenciado pelo estudante universitário de forma incerta, ou seja, são múltiplos os sentimentos a respeito do ingresso na educação superior. “Por um lado, repleto de expectativas e conquista de liberdade, autonomia e ingresso por algo que tanto lutou, por outro lado, sentimentos de medo, ansiedade frente aos desafios desencadeados pela transição” (Almeida, 2019; 2020; Almeida; Fernandes; Soares *et al.*, 2003; Soares, 2003).

A adaptação na educação superior é rodeada por aspectos da vida pessoal e acadêmica do aluno, além das diversas mudanças que acarretam o ingresso na instituição superior, aspectos relativos à adaptação pessoal também contribuem para essas dificuldades vivenciadas pelos discentes. Desse modo, uma vez que:

O ingresso no ES representa uma etapa marcante da vida dos estudantes, enfrentando desafios e aproveitando oportunidades de desenvolvimento de competências técnicas e científicas, mas também pessoais e transversais, contribuindo para o seu desenvolvimento psicossocial (Casanova; Araújo *et al.*, 2020).

Dessa forma, a inserção na instituição superior discorre de inúmeros fatores que dificultam a transição e adaptação dos universitários. Contudo, do ponto de vista do desenvolvimento psicossocial, essa etapa é marcada por desenvolvimento de identidade, questões pessoais, mentais e emocionais.

Os desafios da adaptação são acerca do novo contexto, das novas experiências acadêmicas e pessoais, responsabilidades e compromissos exigidos com relação aos acadêmicos. Por isso, para muitos estudantes a inserção na instituição superior é o âmbito no qual é posto à prova sua autonomia e independência, bem como sendo desafiados a desenvolver e concretizar seus objetivos e projetos (Castro, 2021). O que para alguns estudantes são vistos como momentos [...] marcados por alguma tensão e ansiedade, algumas vezes por frustração face às expectativas e aspirações iniciais (Araújo *et al.*, 2019; Casanova *et al.*, 2021; Naylor *et al.*, 2018 *apud* Casanova; Bernardo; Almeida 2021).

Frente às dificuldades enumeradas, deveras relevantes, é de se esperar que o primeiro ano de vivências na universidade, em especial, tem sido apresentado como um período crítico, potencializador de crises e/ou desafios aos estudantes que podem culminar com uma adaptação mal sucedida comprometendo, sobremaneira, o sucesso acadêmico destes estudantes (Araújo; Almeida, 2015; Casanova; Bernardo; Almeida, 2019; Castro, 2021; Soares *et al.*, 2015).

2.2 Saúde mental e gênero e processo de transição e adaptação ao Ensino superior

Uma vez que estudos ressaltam haver necessidade de problematizar a vulnerabilidade dos alunos no ambiente universitário para um melhor planejamento e desenvolvimento de programas de prevenção e tratamento de questões voltadas à saúde mental e emocional destes estudantes, no Brasil se tem feito um levantamento pelo Fórum de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis e Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) e constatou-se um aumento relevante nos últimos anos (47% em 2016). Quanto à elevada taxa de prevalência para sintomas de ansiedade e depressão em alunos universitários, estudos apontam, inclusive, serem superiores às encontradas na população geral (Arantes *et al.*, 2018).

Dessa maneira, referente a predominância de respostas de sofrimento psíquico nas mulheres, outras abordagens científicas percebem a questão de regulação das emoções e do afeto como um produto cultural. Santos (2019 *apud* Castro, 2021) chama atenção para o fato que as emoções, para além de ser um tema individual, se constitui num tema histórico, sociológico e cultural. A este propósito, Goffman (2011) refere as construções de representações de papéis de si e dos outros, apoiados em realidades sociais que, por vezes, à custa de alguns aspectos dolorosos e insatisfatórios para a vida pessoal. O que coloca a cultura como responsável pela reprodução das formas de vivenciar emoções, em particular o autocontrole.

Nesse sentido, para o homem, este autocontrole das emoções funciona como um comportamento que é construído e aprendido, a fim de evitar a vergonha e o julgamento, associando a apresentação de si conforme as expectativas heteronormativas da sociedade. Os homens, culturalmente, aprenderam que a tristeza não é um tópico apropriado para partilhar, ou mesmo o sentimento de vergonha, opondo - se à criação da mulher onde é permitido atribuir-lhe maior expressão de suas emoções, até sendo estimulada socialmente a concepção e construção de fragilidade (Santos, 2019 *apud* Castro, 2021). De resto, as culturas ocidentais modernas, em geral, partilham a convicção de que as mulheres são mais emotivas do que os homens. Uma vez que os espaços sociais são produtos da cultura, os contextos educacionais não poderiam se apresentar diferentes. Dessa forma, tal qual os estudos têm mostrado, não é surpresa que as mulheres apresentem maiores dificuldades emocionais nas vivências acadêmicas.

2.3 Dados sobre estudantes universitários que se deslocam do local de origem para ingressar no ES

Os estudos apontam que os estudantes que se deslocam da casa dos pais para frequentar o ES se mostram mais vulneráveis psicologicamente em comparação aos estudantes que permanecem no ambiente familiar (Almeida; Araújo; Martins, 2016; Oliveira; Dias, 2014). Nesse caso, é compreensível a maior fragilidade, considerando que para muitos estudantes, é a primeira vez que deixam a convivência familiar perdendo o suporte afetivo e cuidados. Dessa forma, têm que pôr à prova as suas competências socioemocionais no sentido de adotar ou não novas atitudes de autocuidado e responsabilidades de sobrevivência. Nesta altura, caso não tenham o suporte psicológico adequado, vários problemas de cunho acadêmico, mas essencialmente ao nível pessoal e social, podem surgir (Almeida; Araújo; Martins, 2016).

O fato de residir em localidade distante do núcleo afetivo durante o curso universitário tem sido apontado como importante variável no processo de investigação da saúde mental do aluno. No qual, percebe-se que fatores emocionais afetam o desenvolvimento dos estudantes durante o processo no ES. Nessa perspectiva, estudos em diferentes tempos realizados em IES² públicas no Brasil (Santos, 2019 *apud* Castro, 2021) identificaram que um número significativo de universitários, oriundos de localidades de diferentes regiões do país, se considerou estressado e/ou angustiado, sem, no entanto, especificar quais os motivos causadores de tais estados emocionais (78% e 89,29%, respectivamente). No Brasil, o relatório do FONAPRACE (2016) revelou que 43% dos discentes das universidades federais se queixavam de dificuldades de adaptação às novas situações, incluindo adaptação à cidade e aos novos costumes e à moradia, por vezes, comunitárias ou separação da família por longo tempo, não havendo diferenças significativas entre as regiões do Brasil (Santos, 2019 *apud* Castro, 2021).

Nesse sentido, segundo Menezes, Souza e Pereira (2012) trazem a discussão do jovem da zona rural migrar para os grandes centros urbanos em busca de melhor qualidade de ensino e perspectiva de vida fora do campo. Tais estudantes, nas universidades, sofrem com as representações depreciativas que vinculam o rural à ideia de atraso e com as consequências dessa depreciação do meio rural em relação ao universo urbano. O fato de a juventude rural enfrentar problemas de aceitação dificulta sua vivência e permanência na graduação, comprometendo seu estado de otimismo e, por vezes, acarretando sentimentos de

² IES - Instituição de Ensino Superior

desmotivação, estresse e outros sintomas emocionais negativos.

Almeida e Casanova (2019, 2022) referem, ainda, que pouco mais de um terço dos indivíduos deslocados de sua localidade de origem apresentam sentimento de tristeza e choro mais do que o costume. Por outro lado, no estudo de Saldanha (2013), foi encontrado em estudantes deslocados um alto grau de otimismo e determinação, contudo, o grau de otimismo e determinação diferenciavam-se quando os estudantes se diziam apoiados e bem resolvidos no âmbito afetivo, familiar e amoroso. Neste sentido, é necessário mais apoio, considerando que as relações familiares e sociais são cruciais para o desenvolvimento emocional e enfrentamento das dificuldades desses acadêmicos. De forma geral, a qualidade de relacionamentos interpessoais e apoio familiar e afetos desenvolvidos por estes universitários tendem afetar a qualidade de vida do estudante, sendo analisado como um grupo de risco no desenvolvimento de transtornos psicológicos, entre outros como, distúrbios relacionados ao sono, por exemplo, sonolência diurna excessiva, o que pode interferir na sua saúde física e mental e no seu rendimento acadêmico.

2.4 Fatores relacionados à dimensão pessoal no processo de transição e adaptação ao ES

A dimensão pessoal reflete um conjunto peculiar de tendências e recursos internos individuais, referentes ao bem-estar físico e psicológico, equilíbrio emocional, estabilidade afetiva, otimismo, autoestima, autoeficácia, autonomia e autoconfiança, tal qual as percepções de suas competências. Estamos face a atributos da personalidade que compõem o processo evolutivo humano iniciados na primeira infância e que se prolongam pela adolescência e adultez, dando sentido de unidade e identidade a cada indivíduo (Palácios, 2004).

Neste ponto, a literatura tem apontado para a influência das características pessoais do aluno como preditoras na adaptação acadêmica, uma vez que estes, ao entrarem na universidade, já apresentam determinados padrões de comportamentos e aptidões que acabam determinando a forma como se comprometem com seus objetivos de formação e com a instituição. Esta influência pode ser de cunho positivo ou negativo, variando com a qualidade e quantidade de experiências acadêmicas e sociais que os estudantes experienciaram (Almeida; Araújo, 2016; Casanova, 2019; Castro, 2021; Tomás *et al.*, 2014). Há que destacar, porém, que as questões de ordem pessoal são de natureza complexa e abrangente, envolvendo a construção do sujeito assente nas suas experiências de vida relativos ao contexto sociocultural no qual está inserido.

Entre os vários fatores pessoais, os traços de personalidade acabam por fazer a diferença quando se trata da necessidade de ajustamento social e emocional no novo contexto, o que vêm requerer uma aquisição, como já salientamos em tópico anterior, de competências de autonomia e de estratégias de resiliência e confronto ou *coping*³ (Carlotto *et al.*, 2015; Costa; Leal, 2006; Porto; Soares, 2017; Soares; Almeida; Guisande, 2011). Desta forma, dada a relevância das características de personalidade do estudante para a adaptação ao ES, particularmente em estudantes do primeiro ano, faremos uma breve síntese deste constructo.

Entende-se como personalidade as características do ser humano que organizam os sistemas físicos, fisiológicos, psíquicos e éticos de forma que, interligados, determinam a individualidade. Estas características são formadas ao longo do período de vida e desenvolvimento, ou seja, inicia-se na infância de acordo com o tratamento que recebe e com o modo de vida que tem dentro de seus ambientes, sejam eles o lar, a escola, os pares ou a comunidade (Andrade, 2008; Fiero, 2008). De acordo com diferentes manifestações de personalidade, uma pessoa pode mostrar em certa frequência e intensidade de comportamentos internos e externos como insegurança, perturbação, agressividade, ansiedade ou frustração, ou os seus correspondentes pela positiva, dependendo das próprias características pessoais e dos estímulos oferecidos pelo ambiente. De forma global, entende-se que pessoas com pobres repertórios emocionais sempre manifestam sentimentos, atitudes e pensamentos negativos, impactando na formação de estratégias pouco autônomas e pouco assertivas de enfrentamento aos desafios, problemas ou conflitos (Arantes *et al.*, 2018).

2.5 Fatores relacionados à dimensão institucional no processo de transição e adaptação ao ES

No processo de decisão quanto às escolhas para a formação profissional, Fiorini, Bardagi e Silva (2016) colocam haver um conjunto de variáveis relativas à escolha da IES. No qual, são variáveis presentes em várias circunstâncias associadas à escolha, tais como: clareza de seus recursos econômicos, além da percepção das possibilidades pessoais, expectativas, comportamentos e percepções acerca de barreiras e recursos humanos e operacionais oferecidos

³ Estratégias de coping podem ser definidas em duas categorias funcionais (problema e emoção), que podem ser complementares. A primeira inclui esforços para identificar o problema e buscar recursos para controlar o estressor, enquanto as focalizadas na emoção incluem comportamentos para suportar o impacto do evento. Estratégias de coping incluem processo adaptativo de aprendizado e resultados em saúde.

pela instituição. Nesse contexto, Bardagi (2010) menciona que é crescente a entrada e abandono nas IES uma vez que a maioria dos estudantes realiza a escolha de sua carreira profissional, conhecendo pouco sobre a totalidade das implicações das mesmas em termos de atividades desenvolvidas, especialmente, das carências e responsabilidades da IES para essa formação.

Diante dessa realidade, não são poucos os estudos que relacionam a ausência de adaptabilidade institucional ao fenômeno de evasão (Almeida, 2019; Ambiel; Barros, 2018; Castro, 2021; Ambiel; Santos; Dalbosco, 2016; Barlem *et al.*, 2012) uma vez os desafios que esses estudantes enfrentam ao ingressar no ES, em termos institucionais, são diversos, especialmente frustrando expectativas em relação à estrutura, qualidade no ensino e prestígio da instituição diante da comunidade (Santos; Mogno; Lima; Cunha, 2011). Nessa perspectiva, entende-se o processo de adaptação também está atrelado a evasão no ES, pois muitos estudantes universitários frustram-se ao ingressar na instituição, por isso é imprescindível conhecer os diversos aspectos em relação à Instituição Universitário no qual fará sua formação.

Com isso, na tentativa de se auxiliarem os estudantes a lidarem com os desafios da transição, alguns autores defendem a importância dos programas de acolhimento e acompanhamento dos estudantes ao longo das primeiras semanas na universidade. Por exemplo, as estruturas de apoio, que dependendo da IES, podem assegurar condições para o aluno poder diminuir os seus deslocamentos ou ter mais tempo para se dedicar aos estudos. Além de suporte para aulas e tutoria, apresentam-se como um diferencial positivo que deveria ser oferecido não apenas para os ingressantes, mas a todos os estudantes com essas necessidades. Outra condição importante são os serviços e as oportunidades de maior interação entre os estudantes e professores, de forma que os alunos ingressantes se sintam acolhidos em um grupo e estimulados a dele participar (Costa; Dias, 2015).

Nesta mesma linha, Soares e colaboradores (2016) referem que, além da relação com os professores, os acadêmicos têm também que se relacionar com os funcionários e a qualidade dessa interação pode se tornar um fator de estresse e mais um obstáculo a ser superado na sua adaptação acadêmica. Nesse estudo, os estudantes opinam que os funcionários ignoram as suas necessidades ou passam a tratá-los com bastante indiferença. A mesma situação é mencionada por Pinto e colaboradores (2017) quando mostram a insatisfação dos universitários na relação com os funcionários face ao tipo de atendimento às suas demandas.

Em síntese, a relação do discente com a instituição de ensino é de fundamental importância na adaptação dos estudantes e para a sua tomada de decisão de permanência ou abandono da sua formação (Almeida *et al.*, 2019; Honorato; Vargas; Heringer, 2014). Soares

e Del Prette (2015) destacam a qualidade das relações na universidade para a adaptação, vivência e alcance de resultados acadêmicos pretendidos pelos educandos.

Nos estudos de Castro (2021), os professores assumem papel relevante para a adaptação institucional dos estudantes. Na generalidade, os professores não compreendem que a relação professor/aluno pode motivar o estudante a participar com mais engajamento nas atividades e oportunidades oferecidas pela instituição de ensino, além de maximizar o aproveitamento do tempo de cada componente curricular. No entanto, não são poucos os que colocam o aluno no lugar de espectador passivo daquele que possui o conhecimento, criando distanciamento e conflitos (Santos; Soares, 2011). Discorrem ser preciso mostrar ao estudante o significado e a importância de se buscar o conhecimento e a importância da autonomia no processo de aprendizagem. Percebe-se, com isso, que o professor precisa estar preparado e motivado para conseguir motivar os seus alunos e envolvê-los na sua aprendizagem e vida acadêmica.

Em vista disso, o professor universitário deve ter a compreensão de seu papel como um formador de opinião e de modelo de identidade para seus educandos, principalmente se o aluno estiver no final da adolescência ou princípio da vida adulta (Antônio; Manuel, 2015). Dessa forma, primar pelas relações interpessoais saudáveis que permitem uma cumplicidade entre aluno e professor, proporcionando um convívio baseado na confiança, na troca de experiências e com isto, seguramente, contribuindo para o processo de aprendizagem do estudante (Soares *et al.*, 2016). Simão e Frison (2013) destacam que a falta de interesse do aluno pela aula pode estar associada a métodos de ensino do professor, sendo isso decisivo para a sua decisão em participar de forma mais ou menos ativa das aulas.

Para Ribeiro (2017 *apud* Castro, 2021), pensar na responsabilização das IES no processo de bem-estar de seus estudantes é pensar na estrutura da organização da própria universidade. Nesta linha, Dias Sobrinho (2015) argumenta que a universidade justifica a sua existência ao cumprir suas responsabilidades sociais. Isso é feito por meio da vivência de valores existenciais e humanos e, por vocação e demanda, pela produção e socialização dos conhecimentos. Nesse debate, concorda-se com Chiarini e Vieira (2012) por considerarem a universidade como espaço vital, não somente na formação profissional, mas também na geração de conhecimentos técnico-científicos para o desenvolvimento dos estudantes e da sociedade.

Segundo, Dias Sobrinho (2015), compete à universidade a missão de formar pessoas com alto sentido cultural, moral e político de cidadania e contribuir para a solução de problemas da coletividade. Nesse modo, a responsabilização das IES está atrelada a aspectos que são para além da Instituição Universitária, sendo importante que as Instituições compreendam que suas

responsabilidades são profissionais, pessoais e sociais, porque para além de conhecimentos profissionais também estão formando cidadãos que atuaram em diversas esferas dentro da sociedade. Portanto, a universidade precisa ter uma missão mais ampla, indo além do desenvolvimento econômico local e regional. Toda essa discussão permite entender que a universidade se encontra diante de desafios, os quais precisa superar para, assim, promover suas responsabilidades públicas.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho fundamenta-se na abordagem de estudo de uma pesquisa qualitativa, em que segundo Minayo (1994, p. 22) corresponde “{...} A um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. O estudo abrange aspectos relacionados à Transição e Adaptação ao Ensino Superior de estudantes que se deslocam de seu local de origem para cursar o ES, compreendendo quais os seus desafios e motivações à medida que passam a ter uma nova configuração de vida. Buscou-se privilegiar, assim, o caráter subjetivo da experiência de ingresso e adaptação à vida universitária por meio de relatos retrospectivos dessa experiência, desde o ingresso no curso até o momento atual.

3.1 Participantes

Participaram do estudo 8 estudantes do ES da Universidade Federal do Pará, do Campus Universitário de Bragança (PA), sendo calouros (universitários no primeiro ano) e veteranos (universitários mais próximos da conclusão do curso), tendo estudantes dos cursos de graduação (Letras-Língua Portuguesa, Pedagogia e Ciências Biológicas); no qual possuem a faixa etária de 18 a 24 anos. A escolha dos participantes do estudo ocorreu devido aos diálogos feitos pela orientanda (que possuía conhecimento acerca da vivência de alguns estudantes) e a orientadora (professora substituta da UFPA – campus Bragança) estava ministrando um componente curricular, no qual os estudantes (que tornariam participantes do estudo) relataram as dificuldades ao ingressar no ES, dentre eles a saída da sua cidade de origem. Com isso, foi abordado o estudo e o tema, e os mesmos se interessaram e disponibilizaram a participar.

No quadro abaixo apresentamos uma identificação mais detalhada dos participantes a partir das respostas apresentadas nas (P1 a P6).

Quadro 1 – Características dos participantes do estudo.

NOME FICTÍCIO	SEXO	IDADE	CIDADE DE ORIGEM	CURSO	CURSO 1º OPÇÃO
Bento	Masculino	18	Augusto Corrêa (PA)	Letras Língua Portuguesa	Sim
Alana	Feminino	21	Viseu (PA)	Letras Língua Portuguesa	Não
Kevin	Masculino	19	Capanema (PA)	Letras Língua Portuguesa	Sim
Nívia	Feminino	21	Augusto Corrêa (PA)	Letras Língua Portuguesa	Sim
Ravi	Masculino	21	Mãe do Rio (PA)	Ciências Biológicas	Sim
Samuel	Masculino	24	Bonito (PA)	Pedagogia	Sim
Nicole	Feminino	20	Nova Olinda (PA)	Letras Língua Portuguesa	Sim
Theo	Masculino	22	Viseu (PA)	Pedagogia	Sim

Fonte: Respostas dos participantes do estudo (2023).

3.2 Instrumentos e coleta de dados

A técnica de coleta de dados utilizada foi um questionário online estruturado com perguntas fechadas de múltipla escolha e perguntas abertas e discursivas. Utilizou o aparelho celular para o envio dos questionários e o aplicativo de gerenciamento de pesquisas, Google Formulário. Os participantes receberam o convite pessoalmente, tanto por parte da orientadora como outros pela parte da orientanda, após aceitarem e disponibilizarem a participar foi feito o contato por meio do aplicativo de mensagens simultâneas (WhatsApp) e posteriormente o envio do questionário individualmente para cada estudante. Segundo Marconi e Lakatos (1999, p. 100), o questionário é “um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”. As perguntas elaboradas no questionário eram referentes a questões familiares, financeira, moradia, motivações, vida acadêmica, adaptação, expectativas, saúde mental e emocional, conforme o quadro 2:

Quadro 2 – Questionário estruturado aplicado aos estudantes.

ORDEM	PERGUNTAS
P01	Nome?
P02	Idade?
P03	Curso?
P04	Cidade de origem?
P05	Cidade universitária?
P06	Quais as motivações para a escolha deste Campus Universitário?
P07	O curso foi de 1º opção?

P08	Moradia?
P09	Com que frequência visita seus familiares?
P10	O que impede ir mais vezes?
P11	Como tem sido sua adaptação no Ensino Superior?
P12	Quais as principais mudanças de vida com a mudança de cidade?
P13	O que tem sido mais difícil na vida acadêmica em função da saída de casa?
P14	Como tem enfrentado as dificuldades?
P15	Tem recebido apoio da universidade para esse período de adaptação?
P16	O que tem contribuído para sua permanência no curso?
P17	Qual sua motivação para continuar estudando?
P18	Quais suas expectativas em relação ao seu curso? E com a universidade?
P19	Saúde Mental e emocional (Fique à vontade para falar de como tem se sentido)
P20	Qual sua maior motivação (ou motivações) em concluir o Ensino Superior?
P21	Com sua atual experiência com a vida acadêmica, o que faria diferente para cursar o ES?

Fonte: elaborada pelas autoras (2023).

3.3 Procedimentos de análise

As informações obtidas foram submetidas à análise de conteúdo temática (Bardin, 2011). Desse modo, a respeito da análise dos dados realizou-se três etapas, nos quais foram a seguir: a transcrição das perguntas e respostas dos participantes para o aplicativo (Word 2016) e a leitura de todas as respostas para compreensão acerca dos resultados obtidos; em seguida buscaram-se autores do campo do estudo: transição e adaptação (Dias *et. al*, 2019; Castro, 2021); adaptação ao ES (Teixeira *et. al*, 2008; Casanova, Joana R. *et al.*, 2019; Casanova *et. al*, 2020); saúde mental e emocional (Carlesso, 2019; Castro, 2017; Castro, 2021); saída da casa dos pais (Borche; Viecili, 2019). Por conseguinte, para a elaboração do artigo e melhor entendimento desenvolveram-se categorias conforme o questionário estruturado e os achados da pesquisa. Com base, nas respostas analisadas decidiu-se em algumas categorias como, (**P8, P9, P12, P13, P14, P15, P17, P21**) destacar as partes mais importantes referente ao questionamento realizado em cada pergunta do questionário aplicado, por outro lado, na (**P19**) as respostas dos participantes foram utilizadas na íntegra. Nesse sentido, observou-se e analisou-se com base nas respostas dos participantes no questionário que diversas foram as informações coletadas nesse estudo. Contudo, a fim de possibilitar maior ênfase nas questões relacionadas a vivência dos alunos que se deslocaram do seu local de origem para ingressar no ES, buscaremos analisar e discutir as questões **P8, P9, P12, P13, P14, P15, P17, P19 e P21**, do questionário aplicado aos estudantes. No qual, estão descritas acima na Tabela 2.

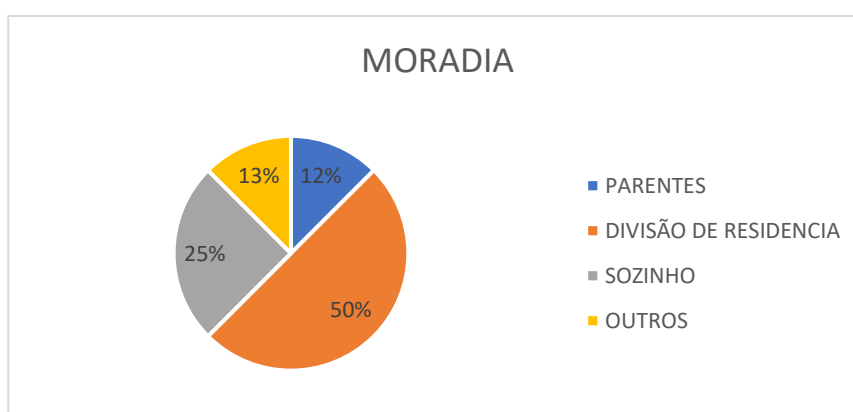
Vale ressaltar que o critério para a utilização de apenas 18 perguntas foram: nossas limitações acerca do tempo e prazos acadêmicos e pela estrutura de artigo científico, no qual o trabalho foi realizado nessa formatação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas foram as informações contidas neste estudo, quisera podermos explorar a todas em seus pormenores a fim de dar uma maior dimensão a respeito dessa vivência de alunos que necessitam se ausentar de seu local de origem para a concretização de um sonho de entrar e finalizar um curso superior. Mas traremos para esta análise e discussão aquilo que está em nossa possibilidade e limitações de tempo e espaço, uma vez que se trata de um formato artigo. Nesse sentido, as análises foram concentradas nas questões **P8, P9, P12, P13, P14, P15, P17, P19 e P21**, descritas no capítulo metodológico.

A análise inicial é referente à moradia dos estudantes (P8), cujo estudos apontam que a saída da casa dos pais, embora não diretamente ligada à vida na universidade, é um evento marcante para aqueles que deixam suas famílias de origem com o intuito de estudar em outra cidade. Contudo, apesar da presença dos obstáculos advindos do fato de viverem sozinhos, em coletividade ou com outras figuras parentais, essas dificuldades são valorizadas e consideradas parte essencial da experiência de ingresso no ensino superior, pois elas encontram-se associadas à sensação de autonomia e maturidade em suas vidas.

Quadro 3 – Dados da moradia dos participantes do estudo.



Fonte: Respostas dos participantes do estudo (2023).

Percebe-se que a maioria dos participantes (50%) estão em compartilhamento de residência e alguns autores como Coulon (2017), Sampaio (2015) e Silva e colaboradores

(2019) colocam que muitos desafios podem surgir nessa condição. Da mesma forma que pode ser divertida e positiva com desenvolvimento de sentimentos de empatia e solidariedade, fazendo com que você e seus colegas formem uma rede de apoio, superando obstáculos e tensões juntos; a atmosfera também tem os seus pontos negativos, uma vez que ao contrário da moradia solo, na moradia estudantil o universitário estará rodeado de pessoas de diferentes personalidades, temperamento, hábitos e condição financeira e, por acomodar vários estudantes, podem ser barulhentas e desagradáveis em alguns momentos, com rompimento de privacidade.

Contudo, Coulon (2017) afirma que no âmbito da vida acadêmica, uma das maiores razões dos conflitos internos que levam a abandonos e fracassos é o fato de o estudante não decifrar, naquele momento, os marcadores de que a formação humana consiste na aprendizagem adquirida no decorrer das experiências vivenciadas, sejam boas ou ruins. Desse modo, a adaptabilidade humana é construída através da autorreflexão feita a partir do reconhecimento de si e das sócio habilidades por meio das relações interpessoais.

Silva e Silva (2019, grifo nosso), por sua vez, define a entrada do estudante no ensino superior como “*um momento importante na vida do sujeito, com impacto nas dimensões pessoal e profissional*”; dessa forma ressalta que para ocorrer uma formação completa do acadêmico, este deve se permitir viver a universidade como um universo de possibilidades, de conhecimento, um espaço multicultural e interpessoal. Que acima de tudo, é um lugar de formação do indivíduo no âmbito pessoal além do acadêmico e profissional. Essa formação ocorre de forma individual e coletiva, onde cada um se desenvolve de acordo com suas experiências e de seus construtos pessoais. Significa dizer que “*o que*” para uns pode ser uma experiência negativa, para outros pode ser uma experiência enriquecedora.

Em outras palavras, Sampaio (2015) coloca que para alguns discentes a experiência de dividir espaço de moradia no percurso da vida acadêmica pode ser um motivo de conflitos pessoais e relacionais ao ponto de comprometer a saúde mental e emocional, dificultando o processo de adaptabilidade às demandas acadêmicas. Enquanto, para outros pode ser oportunidade de amadurecimento e aquisição de estratégias de enfrentamento e habilidades socioemocionais. Esta, uma condição importante no desenvolvimento de carreira e vida social.⁴

⁴ Estratégias de coping podem ser definidas em duas categorias funcionais (problema e emoção), que podem ser complementares. A primeira inclui esforços para identificar o problema e buscar recursos para controlar o estressor, enquanto as focalizadas na emoção incluem comportamentos para suportar o impacto do evento. Estratégias de coping incluem processo adaptativo de aprendizado e resultados em saúde.

O segundo maior percentual (25%) é de estudantes que moram sozinhos. Essa experiência de sair de casa é percebida essencialmente de dois modos: como algo difícil, em virtude de se sentirem sozinhos, e também como algo importante, devido à independência conquistada (Teixeira *et al.*, 2015). Segundo o IBGE⁵, a quantidade de jovens que sai da casa dos pais para cursar o ensino superior tem aumentado nas últimas décadas com o advento e melhorias de políticas de acesso e permanência de estudantes no ES.

Nesse contexto, há pessoas no Brasil que precisam aprender a lidar com questões que possivelmente não lidavam antes, como gestão financeira, gestão doméstica, adaptação a uma nova cidade, distanciamento de familiares, amigos e adaptação à universidade. E não raras vezes para lidar com tais questões os jovens não foram treinados. Por isso ficam as indagações que recentes estudos têm procurado responder, como: Que forma eles aprendem a lidar com essas questões? Que implicações têm para jovens se depararem com a necessidade de serem responsáveis por essa nova forma de vida? Quais os impactos no desenvolvimento e qualidade de vida mental? E, Quais as repercussões no desenvolvimento da vida acadêmica?

Mendonça *et al.*, (2009) fazem uma discussão sobre essa questão trabalhando o conceito de adulez emergente, conceituada pelos autores como um período entre 18 e 29 anos no qual os indivíduos não são adolescentes, mas, ainda, não possuem as características normativas da idade adulta. Para os autores é um período que é definido como o momento que o jovem explora e olha para dentro de si pela vivência do sentimento e pela percepção de inúmeras possibilidades que a experiência de viver só traz; sendo o momento em que, entre outros, o indivíduo vai atrás de seus desejos de entrar na universidade, completar uma graduação para se inserir no mundo adulto. É o momento em que os jovens (adultos emergentes) estão na fase de decisões em diversos aspectos, vivenciando novas experiências que contribuem para “desenhar” seu futuro.

Em nosso estudo, todas essas questões ficam bem evidenciadas quando analisamos as respostas (P12 e P13) relacionadas às mudanças de cidade e saída de casa.

No quadro abaixo abordamos a seletiva de respostas voltadas para as principais mudanças de vida com a mudança de cidade e saída da casa dos pais.

⁵ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Quadro 4: P12 Quais principais mudanças de vida com a mudança de cidade e P13 O que tem sido mais difícil na vida acadêmica em função da saída de casa.

ESTUDANTE	RESPOSTAS
Bento	Adaptar a um novo cenário.
Alana	Ser mais "madura" e "responsável".
Kevin	O lugar é totalmente novo.
Nívia	Privação de sono e perda de emprego.
Ravi	Dificuldade com alimentação, interações sociais e descanso.
Samuel	Acesso e oportunidades de trabalho, estudo e lazer.
Nicole	Tudo é diferente.
Theo	Vida longe da família, mais liberdade e mais responsabilidades com afazeres domésticos e controle financeiro.

Fonte: Respostas dos participantes do estudo (2023).

Considerando as respostas dos estudantes, observa-se que ficam na categoria de *senso de liberdade, responsabilidade, independência, amadurecimento, privacidade e oportunidades*. Na verdade, são as palavras que demarcam os benefícios no desenvolvimento da adultez. Já para os desafios as questões surgidas referem às condições com a *alimentação*, que em muitas situações os jovens não possuem essa habilidade ou não organizam o tempo e, a própria condição financeira que não permite uma alimentação de qualidade; relatam também a *interação social, privação de sono e cansaço*.

Apesar da gestão doméstica dos jovens universitários que saem da casa dos pais não ser discutida em pesquisas científicas no Brasil, nos estudos de BorcheI e Viecili (2019), os jovens universitários relataram que a autonomia é vista como um benefício ao sair da casa dos pais; uma vez que a autonomia vem juntamente com novas responsabilidades, como gestão financeira e gestão doméstica. Nesse sentido, os jovens adquirem uma nova rotina, na qual se tornam os responsáveis por organizar a sua semana de uma maneira que consigam tempo para realizar todas as tarefas atribuídas a eles; sendo da faculdade ou das relações com a casa e meios sociais, demandando esforço e, conseqüentemente, cansaço.

Outro ponto abordado neste estudo é sobre as visitas e retorno a casa de familiares e quais os impedimentos (P09 e P10), apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 5: P09 e P10 com que frequência visita seus familiares e quais impedimentos?

ESTUDANTE	FREQUENCIA	IMPEDIMENTOS
Alana	Fica cada vez mais difícil, por conta de alguns gastos.	A condição financeira.
Kevin	Durante o mês vou pelo menos duas vezes visitá-los.	Gastos com passagem de ônibus, mesmo tendo a carteirinha intermunicipal ainda pesa um pouco no valor. Dependo da ajuda financeira de minha mãe enquanto os auxílios estudantis não saíram. Por mim visitaria eles toda semana, mas tem outro motivo que é a exaustão também.
Nívia	Apenas de 6 em 6 meses.	Falta de dinheiro.
Ravi	Esporadicamente, a cada um ou dois meses.	A acessibilidade do transporte, no qual preciso pegar dois ônibus diferentes, cada um durante cerca de 2 horas, o que totaliza em pelo menos 4 horas de viagem, o que, além do preço que reside na casa de 100 reais, é cansativo e demorado. Além disso, são raros os fins de semana prolongados ou que eu não tenha afazeres, o que torna as viagens pouco viáveis.
Samuel	Geralmente 1 vez por mês.	A condição financeira.
Nicole	Uma vez ao mês pelo menos.	Por ser longe e a questão financeira também.
Theo	Duas vezes por ano.	Custo de viagem.

Fonte: Respostas dos participantes do estudo (2023).

De todos os estudantes, apenas um deles fazia o trajeto de ida e vinda diariamente até a universidade. No entanto, a maioria alega dificuldades de ir até os familiares e os tempos de visitas levam de um mês a uma vez por ano. E em todas as respostas de impedimento é referida a questão financeira.

Algumas referências que tratam sobre as questões de vulnerabilidade durante o percurso do estudante na graduação, entre elas a escassez de recursos monetários. Para autores como Souza *et al.*, a questão financeira é um dos fatores que afeta bastante os acadêmicos, visto que as dificuldades são “sentidas” a partir da mudança para outra cidade, além dos gastos durante o processo de adaptação durante o período em que estar inserido no ES. Desse modo, a falta de recursos financeiros é um fator agravante que pode levar à evasão no ensino superior. Custos com transporte, alimentação e moradia são os principais relatados nos estudos. Sabe-se que uma

boa parte dos estudantes tem acesso a uma universidade na sua cidade, onde podem realizar o curso morando com seus pais. Em outros casos, como os apresentados neste estudo, os estudantes se deslocam de uma cidade para outra, com isso muitas despesas surgem, o que faz com que em muitos casos as famílias não consigam arcar com os custos.

No Brasil, os recursos do Plano Nacional de Assistência Estudantil, criado a partir da promulgação do Decreto 7.234 de 19/06/2010, foram muito importantes para o fortalecimento das políticas de assistência estudantil, trazendo para muitos educandos a viabilidade para permanecer no ensino superior; por meio de auxílios financeiros na forma de bolsas, auxílios para alimentação, moradia estudantil ou transporte, entre outros. Muitos desses auxílios levam os estudantes a participarem de projetos de extensão nos quais conseguem uma bolsa, ou até mesmo solicitar auxílios à própria universidade para a permanência quando se faz possível. Em outros casos os alunos procuram realizar estágios remunerados durante a graduação.

Nos estudos de Castro (2021) sobre transição e adaptação acadêmica realizado com estudantes do Campus universitário de Bragança, coloca a questão da escassez de recursos financeiros para sobrevivência; bem como para realização pessoal, vida social e participação de eventos acadêmicos como fatores contributivos para o mau desempenho no cumprimento das atividades curriculares que, por outro lado, tem sérios comprometimentos e impactos negativos na saúde mental e emocional dos acadêmicos.

No caso deste estudo podemos avaliar todas essas questões acima mencionadas e relacionar com a saúde mental desses estudantes, colocadas na (P19) no qual optamos em trazer os relatos na íntegra.

Quadro 6: P19 Saúde mental e emocional dos estudantes.

ESTUDANTE	RESPOSTAS
Bento	A exaustão não é apenas física, não é mais incomum que esse sentimento surja, posso exemplificar como, sempre que sofro algum tipo de problema relacionado ao deslocamento físico, como nos transportes, após chegar em casa o sentimento de frustração e raiva toma conta da situação, mas, percebi que passou ajuda e apoio quando chego em casa, e sempre lembro que existem pessoas dentro do campus que quer me ver por lá, quer que eu continue, sem essa rede de apoio que foi se construindo naturalmente, não sei se conseguiria prosseguir com o curso, se as dificuldades aparecem nossa primeira resposta é desistir, mas tenho uma teimosia reconhecível, e assim como obtenho ajuda, planejo ajudar cada vez mais outros que também passa por situações similares ou piores as minhas, somos uma comunidade quase invisível, sem essa comunidade muitos não teriam concluído essa fase da vida.

Alana	Está bem abalada, por mais forte que eu esteja me fazendo, mas tem dias que eu desmorono. E todo dia é um desafio novo em poder superar esse sentimento de tristeza e cansaço mental. E espero que com o tempo vá melhorando.
Kevin	É algo super novo e as vezes tem dias que não estamos bem e ainda tem a distância e você se sente solitário, porém temos os contatos pelas plataformas digitais. Minha saúde mental está razoável, tenho problemas de baixa estima as vezes me afeta, porém sempre busco inovar, pois sei que se ficar parado esse sentimento me toma conta e me controla. Tenho as novas amizades que fiz e elas fazem total diferença em dias ruins, lhe dão apoio e você se sente super acolhido.
Nívia	Às vezes bem... às vezes mal, vontade de chorar, sentimentos muitas das vezes de impotência, mas a cada final de uma disciplina sinto-me orgulhosa de mim mesma por ter conseguido vencer mais uma.
Ravi	Tem sido um período confuso, de altos e baixos. Já vivenciei momentos que me fizeram desejar persistir nesse caminho até o final. Porém a solidão tem sido um agravante às adversidades inerentes a essa fase. O vazio, sentimento de insuficiência e falta de propósito são sentimentos recorrentes, de modo que precisei de ajuda profissional e intervenção medicamentosa para melhorar e poder continuar.
Samuel	Ultimamente tenho me sentido um pouco mais cansado mentalmente e emocionalmente, procurando forças para conseguir que minhas motivações continuem sendo válidas e prosseguir para a conclusão do curso. Meio que encerrar mais um ciclo também não é fácil, algumas preocupações atuais e novas preocupações começam a surgir (será que vou conseguir encontrar um emprego? um concurso público? terei que voltar pra casa do pai ou mãe? vou conseguir continuar os estudos?) e ainda tem a questão de permanecer em Bragança, cidade onde eu me sinto confortável para viver e não querer ir embora. Mas até que de certa forma tenho conseguido controlar algumas emoções e sentimentos... talvez a ansiedade seja um pouco mais complicada.
Nicole	Eu consigo me manter forte, apesar de muitas das vezes como já havia dito anteriormente, ser tudo novo e até mesmo complicado para raciocinar tudo de uma vez, mas é o curso que eu amo, amo muito, e isso que me mantém forte, toda confiança que as pessoas que me amam depositam em mim que vou conseguir, que um dia me formar. É isso que me mantém de pé, para todos os dias prosseguir nos estudos.
Theo	Confuso as vezes um pouco desorientado, o suporte para a assistência estudantil suporte psicológico deixa a ensejar.

Fonte: Respostas dos participantes do estudo (2023).

Salienta-se, na verdade, que a preocupação com a saúde mental do estudante universitário surgiu nos Estados Unidos no início do século XX, a partir do reconhecimento de que os universitários passam por uma fase naturalmente vulnerável; do ponto de vista

psicológico, e de que a responsabilidade em ajuda-los, nesse momento, é da instituição em que estão inseridos (Cerchiari *et al.*, 2005 *apud* Carlesso, 2020).

Nos dias atuais, há poucos estudos nacionais abrangentes sobre a saúde mental dos estudantes universitários brasileiros. A grande maioria dos estudos possuem amostras regionais, não sendo representativas em âmbito nacional. Contudo, é perceptível que as instituições de ensino superior são um ambiente de risco para a saúde mental, no entanto, ainda há uma ausência de estudos sobre a problemática.

No meio acadêmico, o aparecimento dos primeiros sinais de sofrimento psíquico pode ser constatado logo que o aluno ingressa na universidade, sendo muito mais frequente nos estudantes ligados em situação de vulnerabilidade socioeconômico e de ausência do ciclo familiar e social; já que eles têm que aprender a lidar diariamente com os desafios de se autorregular para superar as condições adversas. São queixas frequentes, relacionadas a Transtornos Menores Comuns (TMC), manifestações físicas de desgaste emocional nos locais de trabalho, e esses sintomas são agravantes nos problemas de relações interpessoais. Por isso, o diagnóstico precoce destes transtornos em estudantes visa um melhor desempenho pessoal e profissional (Fiorotti *et al.*, 2010 *apud* Carlesso, 2020).

Castro (2021) ressalta que a sobrecarga de novas experiências e responsabilidades da vida adulta, durante a fase de transição do indivíduo da adolescência para a adultez, pode haver grandes possibilidades de sobrevir inúmeros conflitos de ordem psíquica, levando os estudantes ao adoecimento mental e, o desencadeamento dos Transtornos Menores Comuns (TCM) expressados por meio de estresse, ansiedade, depressão, transtornos alimentares, o contato e o abuso de substâncias psicoativas, medicamentos e álcool. Coloca ainda que esquecimento, dificuldade de concentração e de tomar decisões, fadiga, insônia e irritabilidade estão entre os sintomas mais frequentes dos TMC, incluindo também queixas somáticas⁶. E independente da falta de diagnóstico psiquiátrico formal, esses transtornos acarretam sofrimento psíquico, impacto nos relacionamentos e na qualidade de vida, assim, comprometendo o desempenho nas atividades diárias.

Em relação às principais demandas que levam o aluno a procurar ajuda psicológica, destacam-se as dificuldades de relacionamento amoroso (mais presentes entre os alunos quando

⁶ São descritos por sintomas, em que são recorrentes e, causam grande *stress* emocional; no qual, afeta negativamente a vida das pessoas.

dizem respeito especialmente à vida sexual) e dificuldade de relacionamento familiar quando diz respeito às dificuldades de separação e distância da família (Castro, 2021).

Estas questões também podem ser relacionadas com a (P15), (que trata do apoio oferecido pela universidade).

Quadro 7: P15 apoio da universidade para o período de adaptação.

ESTUDANTE	RESPOSTAS
Bento	Sim, a compreensão dos professores e do corpo docente como um todo, até o dado momento, vem sendo fundamental para minha acomodação com essa nova realidade.
Alana	Sim, conheci duas pessoas na universidade que estão sendo muito essenciais para mim nesse momento.
Kevin	Financeiramente ainda não, mas psicológico um pouco. Tanto pelos eventos do Campus e das disciplinas dos professores.
Nívia	Não.
Ravi	Apenas no recebimento de bolsa de iniciação científica.
Samuel	Bom, apesar de ter recebido apoio com as políticas públicas como auxílio durante um período, sem dúvidas foi importante para minha adaptação, porém acredito que ainda precisam avançar um pouco mais para dar assistência aos alunos de outras cidades.
Nicole	Mais ou menos, sempre que posso entro em contato com alguém e eles me auxiliam no que seja necessário.
Theo	Apenas suporte técnico no caso elucidativo em questões de processos burocráticos em alguns casos específicos.

Fonte: Respostas dos participantes do estudo (2023).

Sobre as questões voltadas à IES (Instituição de Ensino Superior), foi realizada uma explanação no corpo teórico deste trabalho. De forma geral, estudos têm colocado as IES com ampla participação e responsabilização na construção emocional desse sujeito estudante. Para assim sendo, além de aspectos de caráter intrínsecos ao indivíduo, a universidade configura-se como instituição influenciadora da vida do educando. A universidade, como instituição de ensino, atua como mediadora de relações humanas e criadora de uma dinâmica psicológica que contempla distintos significados e valores.

Nessa perspectiva, de acordo com os relatos obtidos, o apoio recebido pelos estudantes por parte da instituição universitário, como observado, foi de vários aspectos atrelados ao período de adaptação. Contudo, um dos participantes relatou não ter recebido apoio. Destarte, compreende-se que vários fatores estão relacionados ao momento de adaptação ao ingressar no

ES, com isso é fundamental haver apoio por parte da Universidade em todas as esferas necessárias durante esse processo. Bem como que haja de forma eficaz e de qualidade, tanto em questões de funcionamento, burocráticas, políticas públicas, saúde mental e emocional. A instituição torna-se um instrumento de regulação e equilíbrio da personalidade do indivíduo, entretanto, ocorrem limitações da instituição em oferecer segurança, gratificação, desenvolvimento eficiente da personalidade e possibilidade de reparação (Rennó Castro, 2017).

Conforme explicam (Almeida e Soares, 2003 *apud* Castro, 2021) devido à expansão do ensino superior mais marcada pela democratização do acesso do que pela democratização do sucesso, estudantes de múltiplas diferenças de ordem demográfica, psicográfica e comportamental têm adentrado no Ensino Superior. Portanto, nesse contexto há a necessidade de ter proposta de programas de auxílio que atendam dificuldades específicas apresentadas por estes alunos universitários, entre eles, a saúde mental.

No entanto, Brown (2016 *apud* Castro, 2021) já adiantava que um dos fatores que dificulta o tratamento e prevenção de transtornos mentais nos estudantes é a comunicação deficitária entre diferentes serviços de suporte e alunos. As universidades precisam aumentar os investimentos em serviços e programas relacionados à orientação, acompanhamento, aconselhamento e encaminhamento de estudantes, identificando quais as necessidades dentro de suas políticas atuais relacionadas.

No que tange os serviços de atendimento psicológico, Rennó Castro (2017) apontou a necessidade do que denominou de Serviços Universitários de Consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano (SUCP) para promover soluções dos problemas dos discentes no decurso da confrontação com a experiência universitária. Segundo este autor, tais serviços devem ser divididos em *remediativos* (direcionados ao reconhecimento de estudantes com problema significativos de ajustamento no ambiente acadêmico), *preventivos* (identificar e controlar fatores de risco para prevenir problemas em potencial) e *desenvolvimentistas* (intervir no desenvolvimento psicológico do estudante).

Nesse sentido, esses serviços são necessários e deveriam ocorrer nas Universidades mediante um planejamento eficaz, bem como direcionamento de recursos financeiros para tais serviços. De acordo com os relatos dos participantes, mesmo ocorrendo atendimento psicológico ainda é pouco eficiente; além do mais, tais serviços possibilitariam a Universidade compreender a realidade dos estudantes inseridos no ES. Ademais, entende-se que essas intervenções assumem atualmente diferentes formas, atuando no contexto universitário e

alcançando os estudantes por meio de debates, *workshops*, seminários, atendimento em grupo ou individual, ações de formação (Rennó Castro, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, se conclui um trabalho que a princípio quando foi proposto essa temática, o assunto me chamou bastante atenção, porque é um tema pouco abordado no Ensino Superior, muito se conhece acerca dos estudantes que saíram da sua cidade origem para cursar o ES em outro local; no qual sendo algo comum em decorrência das diversas políticas públicas e das diversas formas de ingresso no ES. Então, por já ser visto como algo normal que faz parte do processo, pouco se fala sobre o assunto e, pouco se conhece a respeito das dificuldades diárias que esses estudantes lidam para estar na universidade. Em que estão inseridos em um novo contexto, com novas pessoas e responsabilidades, além das questões relacionadas à vida acadêmica.

Ademais, ao fazer as leituras muitas foram as reflexões a respeito das diversas adversidades que os estudantes nesse contexto enfrentam como, por exemplo, a saída de casa, a vida longe dos familiares e amigos; os múltiplos sentimentos de estar realizando um sonho, que na maioria das vezes não é apenas de si e sim, da família toda e, por outro lado, a saudade de não estar presente, da rotina e das pequenas coisas que eram feitas que passam ser ainda mais valorizadas.

Vale compartilhar que faço parte dos estudantes universitários, entretanto não saí da minha cidade de origem para cursar o ES, através da leitura dos relatos em que foram obtidos com base no questionário, pude notar o quanto estudantes que não saem da sua cidade de origem tem privilégios. Contudo, não que seja mais fácil ou que não lidam com estressores, mas é válido que existe alguns privilégios como, por exemplo, permanecer no seu ambiente familiar, ainda ter as mesmas redes de amizade e conhecer a cidade no qual o campus e o curso escolhido estar inserido.

Além disso, ficou evidente que muito se fala sobre a saúde mental e emocional, mas também é necessário por parte da universidade haver políticas mais eficazes, tanto de acolhimento, prevenção e acompanhamento. Para os acadêmicos poderem usufruir de tudo o que a universidade pode oferecer, como é sempre dito quando ingressa no ES “*não passe pela universidade, viva ela*”. Contudo, para vivê-la é necessário estar bem psicologicamente para usufruir de tudo o que a instituição possa possibilitar.

Este estudo, assim como todos consultados, traz um fator inevitável na jornada de todos os estudantes universitários, e muito mais alto no caso daqueles que vêm de comunidades rurais com o sonho de alcançar a formação profissional. Muitos deles enfrentam a dificuldade de adquirir materiais didáticos, alimentos durante a sua permanência, pagamento do transporte de seu local de origem para a universidade e eles apontam que se faz necessário rever o que está sendo feito; com um propósito de sempre avaliar as políticas e programas sociais ofertados aos estudantes.

Contudo, essas diversas modificações que esse estudante passa se tornam imprescindíveis, que levam à tomada de consciência acerca das novas responsabilidades tanto acadêmica como pessoal e de novas posturas frente à nova realidade no qual está inserido, sendo que isso exigirá que o jovem tome conta de si, manter-se e cuidar-se, ser responsável, além de manejar os diversos aspectos relacionados a esta transição da maneira que achar melhor. Bem como, o sentimento de liberdade ligado ao mudar-se de cidade, pois esse momento é vivenciado por um lado com enormes expectativas acerca da conquista de liberdade e autonomia.

Ademais, todas as respostas encontradas são fatores que contribuem para essa mudança, o que podem ser observadas como situações estressoras que, direta ou indiretamente, podem contribuir para o insucesso acadêmico ou mesmo, abandono dos estudos. Da mesma maneira que a vida longe da família também é modificada ao mudar de cidade, com isso, o sentimento de saudade, solidão e insegurança são acentuados devido essa transição e adaptação. Em decorrências dessas modificações, sensações e emoções geradoras de ansiedade e bloqueadoras da concentração, decorrem das circunstâncias de grande indefinição, do ritmo acelerado a que tudo acontece e da estranheza face aos novos ambientes e pessoas. Em vista disso, dificultam esse processo de transição e adaptação.

Além disso, acredito que todos nós como universitário, independentemente da situação, continuamos enfrentando todas as dificuldades sejam aqueles que estão ainda na sua cidade e os que saíram da sua; tem o objetivo de concluir o tão sonhado curso superior. De “olhar” para toda sua trajetória e ver que deu tudo certo, que o choro de alívio, felicidade, sentir o “arrepio” ao ouvir a música do Pinduca (a marcha do vestibular); a conquista quando se senti ao escutar e/ou ver seu nome na lista de aprovado é parecido com o de estar na sua cerimônia de solenidade e receber o seu tão sonhado e lutado, diploma. Para muitos ser formado pela Universidade Federal do Pará, a “maior do Norte” é uma honra e privilégio, no qual todos os anos milhares tentam ingressar.

Por fim, ao longo de todo esse estudo, desde a decisão do tema, a coleta de dados, a leitura e a análise das respostas e a construção do artigo ficou evidente que cada um na sua individualidade tem uma motivação, mesmo em meio aos desafios e as dificuldades; persistir com sua trajetória no ES, cada qual com as suas “bagagens” e motivos para continuar. Para mim, fica o sentimento de profunda gratidão pela escolha e persistência na temática, além de refletir que muito pode-se pesquisar acerca do assunto.

Por isso, espero ter contribuído para a reflexão sobre: quais dificuldades os universitários encontram? Quais as condições que contribuem para o sucesso ou fracasso escolar? O que as IES fazem para diminuir as dificuldades encontradas pelos estudantes? É relevante compreender essas questões para vislumbrar algumas saídas, com vistas à permanência dos estudantes na universidade e à superação dos desafios apresentados.

Para futuras pesquisas relacionadas a temática colocam-se os possíveis questionamentos como: considerar analisar esse processo de transição e adaptação de estudantes deslocados de outras Instituições Universitárias da região; trazer dados estatísticos a respeito de estressores mais recorrentes entre estudantes de ES; investigar quais características durante a transição e adaptação ao ES que contribuíram para a desadaptação e, conseqüentemente, desistência dos estudantes; visar compreender se há estressores que podem ser específicos de cada curso superior e analisar as motivações na perspectiva de gênero.

Com isso, podemos então compreender, tal qual outros estudos utilizados neste trabalho, que sair da casa dos pais para iniciar a graduação é uma mudança desafiadora, porém os jovens criam recursos para uma melhor adaptação com os desafios e benefícios que surgem no processo de autonomia. Por isso, nada mais justo finalizar este trabalho dando voz aqueles que são a razão do mesmo.

P14 Como tem enfrentado as dificuldades?

“Através de apoio emocional, pelos discentes com que convivo, mas também minha família, que além do emocional, possibilita ajudas financeiras”. (Bento)

“Tem dias que são bem difíceis, sinto muita falta da minha família e vir para cá digamos que está sendo uma realização de um sonho, mas por outro lado é bem dolorido sentir essa saudade”. (Alana)

“Estou firme e forte, no início foi bem difícil, após uma aula de uma professora, disse não disse diretamente para mim, mas falou que as minhas atitudes/ manias no início do curso iriam definir meu futuro e isso fez eu repensar sobre minha individualidade excessiva e me fez sair da zona de conforto. Não é fácil, mas eu enfrento. (Kevin)

“Com fé de que um dia isso tudo valerá a pena”. (Nívia)

“Terapia psicológica e psiquiátrica e apoio emocional e financeiro familiar”. (Ravi)

“A família sempre me ajudou em dificuldades financeiras e em outras situações os amigos, algumas eu precisei encarar sozinho para poder contornar a situação”. (Samuel)

“A gente tem que respirar e saber viver um dia de cada vez, muita das vezes a gente fica sobrecarregado, muito conteúdo. Mas, vamos levando como pode a vida acadêmica”. (Nicole)

“Com apoio e ajuda de familiares e amigos feitos aqui em Bragança”. (Theo)

P17 Qual sua motivação para continuar estudando?

“Quero ter a competência de me tornar um excelente profissional na área, desejo expandir meus conhecimentos e explorar as possibilidades que meu curso de escolha proporciona” (Bento)

“A minha mãe, como ela me motiva todos os dias a não desistir”. (Alana)

“Conseguir entrar no ramo de trabalho da área que estudo, me ajudar financeira e meus familiares”. (Kevin)

Minha filha! (Nívia)

“Mais competente e tentar ajudar o mundo como puder”. (Ravi)

“A realização de um sonho pessoal e familiar. A vontade de contribuir para a Educação nortista/brasileira é um grande sonho meu”. (Samuel)

“Meu futuro depende de mim”. (Nicole)

“Independência financeira”. (Theo)

Por fim, como decisão para a finalização deste trabalho foi dar voz aqueles que são a razão deste estudo. Trazer como conclusão um momento reflexivo para a autora e os futuros leitores, que mediante as dificuldades expostas ao longo desse estudo qual é a motivação para cada um desses estudantes universitários, qual a razão para continuar e, principalmente, não desistir ao longo do processo, tanto de formação profissional bem como pessoal. Além disso, refletir como cada estudante da pesquisa está enfrentando os desafios para permanecer no ES. Desse modo, conclui-se com uma finalização com um “olhar” reflexivo, que os relatos dos alunos universitários “falam” por si. Todos temos capacidade de adaptação, resiliência diante de nossas reais motivações e cada um tem suas próprias estratégias de enfrentar e crescer com os desafios.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. S. **Ensino Superior: Combinando exigências e apoios**. In: **Satisfação acadêmica no ensino superior: Desafios e oportunidades**. ADIPSIEDUC Associação para o Desenvolvimento da investigação em Psicologia da Educação. Braga, Portugal. p. 17-33, 2019. Disponível em: <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/7078>. Acesso em: 29 out. 2023.

ALMEIDA, Leandro S. et al. **Construção de um questionário transcultural de motivos de abandono do ensino superior**. *Aval. psicol.* [online], vol.18, n.2, pp. 201-209, 2019. ISSN 1677-0471. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1802.17694.11>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712019000200012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 13 out. 2023.

ALMEIDA, L. S., FERNANDES, E., SOARES, et al. Envolvimento acadêmico: Confronto de expectativas e comportamentos em universitários do 1º ano. *Psicologia e Educação*, II (2), p. 57-70, 2003.

ALMEIDA, Leandro S.; ARAÚJO, Alexandra M.; MARTINS, Carla. **Transição e adaptação dos alunos do 1º ano: Variáveis intervenientes e medidas de atuação**. 2016. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/42318>. Acesso em: 20 out. 2023.

ALMEIDA, Leandro S.; CASANOVA, Joana R. **Desenvolvimento psicossocial e sucesso académico no ensino superior**. 2019. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/63168>. Acesso em: 30 out. 2023.

AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; DALBOSCO, Simone Nenê Portela. Motivos para evasão, vivências acadêmicas e adaptabilidade de carreira em universitários. *Psico*, v. 47, n. 4, p. 288-297, 2016.

AMBIEL, Rodolfo Augusto Matteo; DE OLIVEIRA BARROS, Leonardo. Relações entre evasão, satisfação com escolha profissional, renda e adaptação de universitários. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 20, n. 2, 2018. Acesso em: 10 nov. 2023.

ANDRADE, Josemberg Moura de. **Evidências de validade do inventário dos cinco grandes fatores de personalidade para o Brasil**. 2008. 169 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) -Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

ANTÓNIO, L. A. D.; MANUEL, J. A. C. Importância da relação professor – aluno na educação superior. In: EDUCERE Congresso Nacional de Educação, 12., 2015, [Curitiba]. Anais [...]. [Curitiba]: PUCPR, 2015. p. 29888-29897. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22201_10845.pdf. Acesso em: 29 out. 2023.

ARANTES, Valéria Amorim et al. **Felicidade e bem-estar da juventude brasileira**. Notandum, v. 21, 2018. 55-68 p. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002884130>. Acesso em: 18 nov. 2023.

ARAÚJO, A. M. ALMEIDA, L. S. **Sucesso acadêmico no ensino superior: aprendizagem e desenvolvimento psicossocial**. In: **Estudantes do Ensino Superior: desafios e oportunidades**. ADIPSIEDUC: Associação para o Desenvolvimento da investigação em Psicologia da Educação. Braga, Portugal. p.159-178, 2019. Acesso em: 02 nov. 2023.

ARAÚJO, Alexandra M.; ALMEIDA, Leandro S. Adaptação ao ensino superior: O papel moderador das expectativas acadêmicas. **Lumen Educare**, v. 1, n. 1, p. 13-32, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Alexandra-Araujo-2/publication/284709918_Adaptacao_ao_ensino_superior_o_papel_moderador_das_expectativas_academicas/links/56d3578a08aeb52500d18660/Adaptacao-ao-ensino-superior-o-papel-moderador-das-expectativas-academicas.pdf. Acesso em: 04 nov. 2023.

ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. **Processo de acesso, permanência e conclusão no ensino superior: de outsider a estabelecido**. Revista De Humanidades, v. 28, n. 2, p. 373–390, 2017. Acesso em: 18 out. 2023.

BARDAGI, M. P. **A abordagem cognitivo-evolutiva do desenvolvimento vocacional**. In R. S. Levenfus & D. H. S. Soares (Orgs.), *Orientação vocacional ocupacional* (pp. 227-243). Porto Alegre: Artmed. 2010.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 2011.

BARLEM, Jamila Geri Tomaschewski et al. Opção e evasão de um curso de graduação em enfermagem: percepção de estudantes evadidos. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 33, p. 132-138, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/6zP4JXPBghRrVgbRVpP7fVf/?format=pdf&lang=pt>.

BORCHE, Natália Consuelo; VIECILI, Juliane. As implicações da saída da casa dos pais na vida de jovens universitários. **Psicologia-Florianópolis**, 2019. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/40c409b8-970f-42ef-b45c-07ba6b4df106>. Acesso em: 02 out. 2023.

CARLESSO, Janaína Pereira Pretto. Os desafios da vida acadêmica e o sofrimento psíquico dos estudantes universitários. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 2, p. e82922092-e82922092, 2020. Acesso em: 12 out. 2023.

CARLOTTO, Rodrigo Carvalho; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia. Adaptação acadêmica e coping em estudantes universitários. **Psico-USF**, v. 20, p. 421-432, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/tFFmt79rtVYwvWWML8m6LSG/?lang=pt>.

CASANOVA, Joana R; ARAÚJO, Alexandra; ALMEIDA, Leandro. **Dificuldades na adaptação acadêmica dos estudantes do 1º ano do Ensino Superior**. *Revista E-Psi*. p. 165-181, 2020. Disponível em: <https://revistaepsi.com/wp-content/uploads/artigos/2020/Ano9-Volume1-Artigo11.pdf>. Acesso em: 27 out. 2023.

CASANOVA, Joana R; BERNARDO, Ana Belén; ALMEIDA, Leandro S. **Dificuldades na adaptação acadêmica e intenção de abandono de estudantes do 1.º ano do Ensino Superior**. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, v. 8, n. 2. p. 211-228, 2021. Disponível em:

CASANOVA, Joana R. et al. Abandono no ensino superior: Variáveis pessoais e contextuais no processo de decisão. **Estudantes do Ensino Superior: desafios e oportunidades**, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/331594692_Abandono_no_Ensino_Superior_Variaveis_pessoais_e_contextuais_no_processo_de_decisao

CASTRO, Vinícius Rennó. Reflexões sobre a saúde mental do estudante universitário: estudo empírico com estudantes de uma instituição pública de ensino superior. **Revista gestão em foco**, v. 9, n. 1, p. 380-401, 2017. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/043_saude_mental.pdf

CASTRO, Ana Cláudia Ribeiro de. **Transição e Adaptação ao Ensino Superior: um olhar sobre a comunidade estudantil da Universidade Federal do Pará – campus Bragança**. Tese de Doutorado em Ciências da Educação (especialidade em Psicologia da Educação) - Universidade do Minho Instituto da Educação. Portugal. 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/75258>. Acesso em: 01 out. 2023.

CHIARINI, Tulio; VIEIRA, Karina Pereira. Universidades como produtoras de conhecimento para o desenvolvimento econômico: sistema superior de ensino e as políticas de CT&I. **Revista Brasileira de Economia**, v. 66, p. 117-132, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbe/a/hZq7bsMskm3Qp9qmxt98Qfs/?lang=pt>.

COSTA, L. S. DIAS, S. M. B. **A permanência no ensino superior e as estratégias institucionais de enfretamento de evasão**. *Jornal de Políticas Educacionais*. p. 51-60, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/38650>.

COSTA, Etã Sobal; LEAL, Isabel Pereira. Estratégias de coping em estudantes do Ensino Superior. **Análise Psicológica**, v. 24, n. 2, p. 189-199, 2006. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/163/pdf>. Acesso em: 18 out. 2023.

COULON, Alain. **O ofício de estudante: a entrada na vida universitária**. *Educ. Pesquisa.*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017. Acesso 15 nov. 2023.

DIAS SOBRINHO, José. Universidade fraturada: reflexões sobre conhecimento e responsabilidade social. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 20, p. 581-601, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/WNJs7WK6sgvBxDQTPjc5yzt/?format=html&lang=pt>

DIAS, Ana Cristina Garcia et al. **Dificuldades percebidas na transição para a universidade**. Rev. bras. orientac. prof, Florianópolis, v. 20, n. 1, 19-30 p. 19-30, jun. 2019 Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167933902019000100003&lng=&nrm=iso. Acesso em: 08 nov. 2023.

FIERO, A. **O desenvolvimento da Personalidade na idade adulta e velhice**. In C. Cool, A. Marchesi, J. Palácios & colaboradores (2007). **Desenvolvimento Psicológico e Educação (2): Psicologia da Educação Escolar**. Porto Alegre: Ed. Artmed. 2008.

FIORINI, Milena Carolina; BARDAGI, Marucia Patta; SILVA, Narbal. Adaptabilidade de carreira: paradigmas do conceito no mundo do trabalho contemporâneo. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 236- 247, set. 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198466572016000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 24 nov. 2023. <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2016.3.676>.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida**. Petrópolis: Vozes. 2011. Acesso em: 13 nov. 2023.

HAGE, Salomão; REIS, Maria Izabel. Tempo, espaço e conhecimento nas escolas rurais (multi) seriadas e transgressão ao modelo seriado de ensino. **Em Aberto**, v. 31, n. 101, 2018. Acesso em: 17 nov. 2023.

HERINGER, R.; VARGAS, H.; HONORATO, G. Assistência estudantil e permanência na universidade pública: refletindo sobre os casos da UFRJ e da UFF. 38º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, MG, Brasil. 2014. Acesso em: 25 out. 2023.

INEP/MEC (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA). **Censo da Educação Superior**. 2017. Brasília: INEP, 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999 – 2000.

MENDONÇA, Marina; ANDRADE, Cláudia; FONTAINE, Anne Marie. **Transição para a idade adulta e adultez emergente**: Adaptação do questionário de marcadores de adultez junto de jovens portugueses. 2009. Acesso em 04 out. 2023.

MENEZES, Anizia Eduarda Nergues. SOUZA, Bruna Silva de. PEREIRA, Viviane Souza Santos. **Perspectivas da juventude rural no ensino superior. VI Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade**. Sergipe, p. 1-14, set. 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10182/8/7.pdf>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, 2. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Dificuldades na trajetória universitária e rede de apoio de calouros e formandos. **Psico**, v. 45, n. 2, p. 187-197, 2014. Disponível em: Acesso em: 05 out. 2023.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; SANTOS, Anelise Schaurich dos; DIAS, Ana Cristina Garcia. Expectativas de universitários sobre a universidade: sugestões para facilitar a adaptação acadêmica. **Revista brasileira de orientação profissional. São Paulo, SP. Vol. 17, n. 1 (jan./jun. 2016), p. 43-53.**, 2016.

RAMOS, Aline Marcelino et al. Satisfação com a experiência acadêmica entre estudantes de graduação em enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 24, p. 187-195, 2015. Acesso em: 02 nov. 2023.

PALACIOS, J. Mudança e desenvolvimento durante a idade adulta e a velhice. **C. Coll, Palacios, J.; Marchesi, A. Desenvolvimento Psicológico e Educação Psicologia Evolutiva**, v. 1, 2004. Acesso em: 02 out. 2023.

PINTO, Nelson Guilherme Machado et al. Satisfação acadêmica no ensino superior brasileiro: uma análise das evidências empíricas. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, v. 3, n. 2, p. 3-17, 2017. Acesso 05 out. 2023.

PORTO, Ana Maria Silva da; SOARES, Adriana Benevides. Expectativas e adaptação acadêmica em estudantes universitários. **Psicologia: Teoria e prática**, v. 19, n. 1, p. 208-219, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193851916011.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2023.

RESSUREIÇÃO, S. B. SAMPAIO, S. M. **Rupturas e Transições no desenvolvimento de Jovens Universitários de Origem popular**, UNEB/UFBA. 2009. Disponível em: <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-113.pdf>

SALDANHA, M. B. C. **Adaptabilidade de carreira em trabalhadores-estudantes no ensino superior (Dissertação de Mestrado)**. Universidade Federal do rio Grande do Sul- UFRGS, Porto Alegre. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/98291>. Acesso em: 18 nov. 2023.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. MOGNON, Jocemara Ferreira. LIMA, Thatiana Helena de. CUNHA, Neide Brito. A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, p. 283-290, 2011. Acesso em: 17 out. 2023.

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. SANTOS, Georgina Gonçalves dos. **A Teoria da Afiliação: Notas Para Pensar a adaptação de Novos Públicos ao Ensino Superior**. Revista Atos de pesquisa em educação. Blumenau, v. 10, n. 1, jan./abr. p. 202-214, 2015.

SANTOS, Cenilza Pereira dos; SOARES, Sandra Regina. Aprendizagem e relação professor-aluno na universidade: duas faces da mesma moeda. **Estudos em avaliação educacional**, v. 22, n. 49, p. 353-369, 2011. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/1980>.

SILVA, Larice Santos. SILVA, Silvia Maria Cintra da. **A Aprendizagem do Ofício de Estudante Universitário: Tempos de Constituição do Ingressante no Ensino Superior.** *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 960-978, dez. 2019.

SIMÃO, Ana Margarida da Veiga; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. **Cadernos de Educação**, n. 45, p. 02-20, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/3814>.

SOARES, A. P. Transição e adaptação ao Ensino Superior: Construção e validação de um modelo multidimensional do ajustamento de jovens ao contexto universitário. Tese de Doutorado. Braga: Universidade do Minho. 2003.

SOARES, A. B. et al. Relações interpessoais na universidade: o que pensam estudantes da graduação em psicologia? **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 7, n. 1, 1 jun. p. 56–76, 2016. Acesso em: 08 out. 2023.

SOARES, Adriana Benevides; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. Habilidades sociais e adaptação à universidade: Convergências e divergências dos construtos. **Análise Psicológica**, v. 33, n. 2, p. 139-151, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281410428_Habilidades_sociais_e_adaptacao_a_Universidade_convergencias_e_divergencias_dos_construtos. Acesso em: 28 out. 2023.

SOARES, Ana Paula et al. Modelo multidimensional de ajustamento de jovens ao contexto universitário (MMAU): Estudo com estudantes de ciências e tecnologias versus ciências sociais e humanas. **Análise psicológica**, v. 24, n. 1, p. 15-27, 2006. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/view/150/pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SOARES, Andreia Martins; DO ROSÁRIO PINHEIRO, Maria; CANAVARRO, José Manuel Portocarrero. Transição e adaptação ao ensino superior e a demanda pelo sucesso nas instituições portuguesas. **Psychologica**, v. 58, n. 2, p. 97-116, 2015. Disponível em:

https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_58-2_6. Acesso em: 16 out. 2023.

SOUZA, Thalita Rocha et al. Estudantes que saíram de sua cidade de origem para ingressarem no Instituto Federal. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**. p. 1–9, 2018. Acesso em: 18 out. 2023.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira et al. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia escolar e educacional**, v. 12, p. 185-202, 2008. Acesso em: 14 out. 2023.

TOMÁS, Rita Antunes et al. Adaptação pessoal e emocional em contexto universitário: O contributo da personalidade, suporte social e inteligência emocional. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, p. 87-107, 2014.

VIZZOTTO, Marília Martins; DE JESUS, Saul Neves; MARTINS, Alda Calé. Saudades de casa: indicativos de depressão, ansiedade, qualidade de vida e adaptação de estudantes universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 9, n. 1, p. 59-73, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6098/609864854005/609864854005.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.